

Lúcio Costa: abrir W-1

e "disparate"

O urbanista Lúcio Costa voltou ontem ao Senado e participou dos debates travados no primeiro painel do Seminário sobre os problemas Urbanos de Brasília. E fez, novamente emocionado, a revelação de que não mais voltará a Brasília, mas estava feliz e agradecido e pediu a todos que participam do Seminário que se empenhem o máximo na discussão dos assuntos.

— Como é que pode? Como é que vocês conseguiram fazer tanta coisa? A impressão que levo é de espanto. É fantástico, é uma coisa comovente sentir esta cidade viva, como está. Brasília é bela. Brasília tem tudo para ser uma grande cidade.

No início de sua intervenção, o autor do Plano Piloto manifestou sua satisfação por sentir que as questões estão sendo bem encaminhadas nos debates do Seminário, de modo que as soluções de

vidas possam ser remetidas, com lógica, à coordenação necessária.

— Apreciei muito as áreas focalizadas, mas entendo necessária a criação de um organismo que coordene, articule e preveja, pois noto que há uma certa descontinuidade e as coisas correm com desconhecimento de vários departamentos e de várias entidades que deveriam estar antecipadamente informadas.

Durante os debates, o economista Gilberto Sobral esclareceu que o CODEPLAN realizou estudos para a localização e zoneamento de um novo Distrito Industrial, pois o SIA "está saturado, proibitivo e inacessível à pequena e média empresas, em face da especulação imobiliária".

Esclareceu que o estudo é uma contribuição, cabendo a decisão ao Governo se aceita ou não, ou se encomenda trabalho de outra natureza, em vista das

recomendações de Lúcio Costa, no sentido de que as indústrias devem ser localizadas além do segundo anel protetor do Plano-Piloto. Indicou que a CODEPLAN também realizou estudos para a localização de futuros centros urbanos, pressupondo a saturação das atuais cidades-satélites.

Respondendo a pergunta de Vicente Araujo, presidente da Associação Comercial, do DF, sobre a possibilidade de eliminar as interrupções na W-1 e L-1 Sul, assim como o alargamento da W-4, Lúcio Costa considerou que essa medida constituiria "um disparate completo" porque a área de vizinhança "é elemento fundamental da proposição de Brasília".

— Seria o fim, seria um desastre romper as áreas de vizinhança com a W-2, que precisa até de novos obstáculos e de pequenas construções de interesse local, a fim de que haja, realmente, um sentido residencial local, sossegado.

O engenheiro Geraldo Oriandi, da Secretaria de Viação e Obras, negou a existência de quaisquer estudos para intercalar novos loteamentos nos já existentes, devendo-se a notícia à má interpretação dos fatos.

Quanto à existência de prédios comerciais e escritórios entre as Avenidas W-4 e W-5 disse haver exagero, pois é permitido à entidade proprietária do terreno apenas a construção da sede, destinando 30% da área para salas que abriguem serviços públicos e ministração de cursos de datilografia, línguas e similares. "Lojas, jamais", enfatizou.

Intervindo novamente, Lúcio Costa disse ter notado que grande quantidade de quadras da Asa Norte estão bloqueadas por "universidades ou não sei que entidade". Entende que tais áreas não podem ficar retidas indefinidamente, pois impedem a conclusão da Asa Norte que, a seu ver, deve preceder à expansão

urbana para o futuro Lago São Bartolomeu.

Ao finalizar, disse constatar a existência de duas correntes, aparentemente contraditórias. Uma que acha o Plano Piloto intocável e outra que entende deve ser reformulado, de acordo com as necessidades.

Entende que o Plano Piloto deve ser concluído, primeiro, dentro das proposições originais e só então se pensar em reformulações.

— Isso não impedirá, no entanto, que haja grandes inovações na cidade, uma vez que sejam mantidos os pontos básicos do plano original.

Participaram ainda dos debates José Carlos Coutinho, professor do Departamento de Arquitetura da Universidade de Brasília, Aldo Paviani, também professor da UnB, o professor Décio Garcia e o presidente do GEIPOT.